



Recebido em: 29/03/2024

Aprovado em: 04/06/2024

Publicado em: 12/07/2024

**EXPLORANDO O IMAGINÁRIO RELIGIOSO:  
perspectivas do ensino de Filosofia para a Diversidade Cultural**

***EXPLORING RELIGIOUS IMAGINARY:  
perspectives on teaching Philosophy for Cultural Diversity***

**ESPLORANTE RELIGIAN IMAGINON:  
perspektivoj de instruado de Filozofio por Kultura Diverseco**

Ana Patrícia Gadelha da Costa e Silva<sup>16</sup>Gabriel Kafure da Rocha<sup>17</sup>**Resumo**

Esse trabalho pretende contextualizar alguns aspectos peculiares ao conceito de “imaginário”, baseando-se em alguns fragmentos textuais, associados à ideia de “pluralidade religiosa”, encontrada na obra “O livro das religiões”, de Gaarder *et al.* (2005). A partir dos excertos textuais sublinhados, esclarecemos algumas distinções relacionadas às concepções de quadros mentais, constatadas na obra “*Vita brevis*”, de Gaarder (2009). A revisão literária se baseia em alguns fragmentos das duas obras, que foram usados como pontos de partidas organizadores da própria metodologia utilizada. Concluimos que as diferentes épocas, conjunturas e contextos, apresentam, mediante alguns comportamentos e mentalidades, características singulares, mas que são, muitas vezes, simultaneamente, conflitantes, antagônicas, mas que demonstram, em vários aspectos, continuidades e vinculações constitutivas.

**Palavras-chave:** Imaginário. Religião. Pluralidade.

**Abstract**

This work proposes to contextualize some aspects peculiar to the concept of “imaginary”, based on some textual fragments, associated with the idea of “religious plurality”, found in the work “The book of religions”, by Gaarder *et al.* (2005). From the underlined textual excerpts, we clarify some distinctions related to the conceptions

<sup>16</sup> Professora de Filosofia, Sociologia, Projeto de Vida e Protagonismo Juvenil na Escola de Referência em Ensino Médio Professor Humberto Soares em Petrolina - PE e formadora pela Mérito Assessoria, EducaFocus e Lima e Almeida Associados nessas mesmas disciplinas. Mestranda em Filosofia pelo IF Sertão Pernambucano - PROF – FILO. E-mail: ana.gadelha@aluno.ifsertao-pe.edu.br

<sup>17</sup> Doutorado em Filosofia pela UFRN (2020). Professor efetivo do Instituto Federal do Sertão Pernambucano em Petrolina - PE, Campus Petrolina Zona Rural e Docente Permanente nos PPGs Mestrado Profissional em Educação Tecnológica PROF-EPT Salgueiro IF Sertão PE e Mestrado Acadêmico em Filosofia CMAF UECE. E-mail: gkafure@gmail.com



of mental frameworks, found in the work “Vita brevis”, by Gaarder (2009). The literary review is based on some fragments of the two works, which were used as organizing starting points for the methodology used. We conclude that different times, situations and contexts, through some behaviors and mentalities, present unique characteristics, but which are often simultaneously conflicting and antagonistic, but which demonstrate, in various aspects, continuities and constitutive links.

**Keywords:** Imaginary. Religion. Plurality.

### Resumo

Ĉi tiu teksto intencas kuntekstigi kelkajn aspektojn proprajn al la koncepto "imagineco", surbaze de kelkaj tekstaj fragmentoj, asociitaj kun la ideo de "religia plureco", trovita en la verko "La libro de religioj", de Gaarder *et al.* (2005). El la substrekitaj tekstaj eltiraĵoj ni klarigas kelkajn distingojn rilatajn al la konceptoj de mensaj kadroj, trovitaj en la verko “Vita brevis”, de Gaarder (2009). La literatura recenzo baziĝas sur kelkaj fragmentoj de la du verkoj, kiuj estis utiligitaj kiel organizaj deirpunktoj por la metodaro uzita. Ni konkludas, ke diversaj tempoj, situacioj kaj kunteksto, per kelkaj kondutoj kaj pensmanieroj, prezentas unikajn trajtojn, sed kiuj ofte estas samtempe konfliktaj kaj antagonismaj, sed kiuj pravas, en diversaj aspektoj, kontinuecojn kaj konstituigajn ligilojn.

**Ŝlosilvortoj:** Imaga. Religio. Plureco.

### INTRODUÇÃO

Ao esboçarmos um quadro de análise que envolve as obras “O livro das religiões”, de Gaarder *et al.* (2005), e a obra “Vita Brevis”, de Gaarder (2009), reconhecemos, *a priori*, a necessidade de enfatizarmos o conceito de “imaginário”. Um conceito que pode ser trabalhado, agregando valores e empregando outras concepções, favoráveis, para novos campos de análises, no ensino de Filosofia, do Ensino Médio. Necessitamos, preliminarmente, ressaltarmos algumas observações cautelosas, no que diz respeito ao polissêmico conceito de “imaginário”. Essas observações do conhecimento conceitual, da consciência da pluralidade das diversas culturas, da razão semântica e semiológica, em seus devidos tempos sociais, culturais e históricos, auxiliam nas análises das duas obras supracitadas, que se mostram, em certos pontos, dialeticamente distintas.

Durand (2004) entende que para falar com aptidão do “imaginário” necessitamos de um repertório exaustivo do “imaginário normal” e “patológico”, em várias camadas culturais da história, que as mitologias, a etnologia, a linguística e as literaturas nos propõem. Em Durand (2004), dentre os dados intrínsecos da consciência imaginante estão às angústias humanas que se enquadram no “imaginário patológico”. Então, as



designações, de Durand (2004), estabelecem pontos que consideramos cruciais para algumas considerações sobre as obras “O livro das religiões”, de Gaarder *et al.* (2005), e o livro “*Vita Brevis*”, de Gaarder (2009). Reforçamos algumas das indicações iniciais de Durand (2004), para uma imersão no conhecimento conceitual de “imaginário”, devemos considerar as “camadas culturais da história” e as “mitologias”.

### **“IMAGINÁRIO” E MENTALIDADE CULTURAL**

De início é fundamental destacarmos que o “imaginário”, em Durand (2012), engloba um conjunto de imagens e relações de imagens que formam um capital pensado pelo *homo sapiens*. É, portanto, no “imaginário” que se concentram as ações do pensamento humano. Durand (2004) concluiu que o pensamento humano configura um modo de representação, passando por articulações simbólicas, enquanto que, o “imaginário” constitui o conector obrigatório pelo qual se forma qualquer representação do pensamento humano.

Vovelle (1997) ressaltou as possibilidades de criação de um imaginário dentro de uma continuidade dos derivados plurisseculares. Ele se esforçou, registrando mudanças de mentalidades na longa duração, numa perspectiva histórica das evoluções plurisseculares, constatadas nas iconografias da morte e do pós-morte. Esses fenômenos da longa duração, segundo Vovelle (1997), configuram “representações coletivas”, exprimidas em configurações religiosas, místicas que anulam a fronteira entre o sagrado e o profano. Todavia, Eliade (2010) descreveu um limiar: “lugar paradoxal” de comunicação entre os dois mundos – o sagrado e o profano. Ele compreendeu que o homem que opta pela vida considerada profana não conseguirá abolir completamente o comportamento religioso. Segundo Eliade (2010), até a existência mais dessacralizada, ainda conserva traços de uma valorização religiosa do mundo.

Na perspectiva de Vovelle (1997), as experiências humanas, diante da morte, evidenciam etapas de evoluções significadas que permeiam e constituem um “imaginário” e um corpo de simbologias, com símbolos e imagens que ultrapassam a consciência coletiva e individual, transpondo as perceptíveis configurações arquitetônicas dos cemitérios. Segundo Jung (2020), “símbolos” caracterizam linguagens e “pessoas do inconsciente”, e são meios de comunicações entre os sonhos e



esse mundo. As palavras, assim com as imagens são “símbolos”, quando implicam coisas vão além do seu significado manifestado imediatamente. Já, em Vovelle (1997), as “imagens”, por si mesmas, relatam, testemunham e contribuem para construir acontecimentos em toda a sua espessura política, sociocultural. Reconhecemos, com essas abordagens citadas, o caráter pluridimensional, polissêmico e complexo do conceito “imaginário”. Aqui, a “complexidade” caracteriza uma imprecisão conceitual e de fenômenos, elaboradas por Morin (2001). Ademais, um conceito, por si só, por mais complexo que se mostre, provavelmente, será insuficiente para traduzir ou descrever os quadros dinâmicos da vida prática e especulativa. Então, o caráter indeterminado de um conceito, com as suas aplicações e relações, impõem uma trajetória que ultrapassa sistemas conceituais complexos, organizados, abarcando, por fim, conceitos ainda mais complexos, tal como foi proposto por Morin (2001), com o “conceito problemático – ponto de partida”.

Levando em conta as “camadas culturais da história” e as “mitologias”, de acordo com Durand (2012), avançamos em universos entrelaçados que não devem ser ignorados nas análises referentes a um “imaginário” específico, tal como o “imaginário religioso”, presente na obra *“Vita Brevis”* e que se desdobra em outras faces de nossa realidade.

O próprio papel do mito (a narrativa) é em nossos dias transferida para corporações criadoras de conteúdo e a imaginação é hiper estimulada, incluindo aí a crença e a descrença, testadas nas histórias fantasiosas e nos efeitos especiais críveis –ou não –para olhares cada vez mais treinados em termos técnicos já em início na tenra infância. (LEAL e SILVA, 2021, p. 65)

Consideramos, essencialmente, as diversidades religiosas, em diferentes épocas e contextos, que foram apresentadas, sumariamente, na obra “O livro das religiões”, de Gaarder *et al.* (2005). Progredimos, complementando essas análises, baseando-se na obra *“Vita Brevis”*, de Gaarder (2009). Adentrando num contexto, distinto, de resignação humana, por parte de Santo Agostinho (354 – 430), no qual Cittadino (2009) nomeia como “reelaboração do estoicismo”, com formas comportamentais, cristianizadas, de culpabilidade. Assim, por um lado, o conceito agostiniano de “continência” possibilitaria uma “libertação” do “aprisionamento” dos desejos e das sensações da carne. Por outro lado, o desejo a ser reprimido, seria a “concupiscência”, que remete a uma cobiça, sobretudo, direcionada aos prazeres sexuais. Erasmo de



Rotterdam (1466 – 1536) classificou a “concupiscência” e a “cólera” como os dois impetuosíssimos tiranos que, segundo ele, estendiam seus impérios entre os jovens e os adultos.

Em meios as “camadas culturais da história”, percebemos que as religiões definem e redefinem, em partes, os modos de vidas, por meio dos dogmas, princípios, crenças, regras e normas. Com relação às camadas culturais, De Certeau (1995) entende as culturas com suas flexibilidades: as culturas se apresentam num campo de luta multiforme entre o “rígido” e o “flexível”. Os âmbitos culturais são, portanto, campos indefinidos de tensões e enfermidades que se manifestam.

Em relação às “Mitologias”, elas não se esgotam nas redefinições, nos desenvolvimentos e nas modificações dos mitos ao longo de tempo. Passaram-se, gradativamente, a se considerar os mitos tradicionais como objetos legítimos de exames racionais. Com efeito, as narrativas míticas foram, pouco a pouco, submetidas aos rigorosos métodos de “exegeses aleatórias” e de reflexões críticas. Ademais, é pertinente destacar as observações de Gaarder *et al.* (2005), no que diz respeito a densidade e a complexidade dos mitos religiosos que, para eles, sobrepujam as lendas e contos folclóricos.

Ainda sobre as explanações dos recursos mitológicos, Copleston (1996) assegura que nos primórdios, o conhecimento positivo foi escasso e a mentalidade humana foi forçada a utilizar recursos de explanações míticas, todavia, no mundo moderno o *positive knowledge* – o “conhecimento positivo” tem crescido, de tal modo que, as explanações científicas, de certa forma, tomaram o lugar das explanações mitológicas.

Rycroft (1975) compreendeu que a “imaginação” configura um processo ou facilidade de conceber representações de objetos e de acontecimentos. Esse “processo” produz “resultados imaginários” – irrealis ou fictícios; ou atingirá “resultados imaginativos” – que proporcionam soluções para problemas, nas artes ou fora dela, até então não resolvidos. Aqui, a atividade imaginativa e criadora abrange uma “fantasia inconsciente”, não verbal. Vale ressaltar que o “reino da imaginação”, em Bachelard (2019), também suscita devaneios dinâmicos que despertam uma forma de resistência adormecida nas profundezas da matéria. Ressaltamos que, o “imaginário”, em Durand (2012) configura um “trajeto antropológico”, no qual as representações do objeto se



deixam assimilar e modelar pelos imperativos pulsantes dos sujeitos. Ademais, Jung (2020) compreendeu que os símbolos apontam diferentes direções daquelas que notamos com a mentalidade consciente. Eles se relacionam com coisas inconscientes ou apenas, em partes, com coisas conscientes.

Destacamos, agora, formas de relações e ações do imaginário religioso, tais como as que encontramos nos dilemas existenciais, resignantes, na obra que analisamos. No romance “*Vita Brevis*”, de Gaarder (2005), a carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho, bispo de Hipona, expõem delicados dilemas sobre as resignações de um religioso (abstenção, abnegação e outras questões relativas ao voto de fé) em face dos instintos e dos desejos humanos, considerados nocivos, na concepção religiosa e catolicizada da época. Emília, inclusive, entende que a sua principal rival não era uma mulher, mas sim, a “continência” – um conceito agostiniano, pautado na moral cristianizada, sobrepujante na Idade Média, segundo Cittadino (2009). Segundo Emília, a “deusa continência” teria sido escolhida, por Agostinho, como objeto de adoração e devoção, em detrimento dela, enquanto mulher que se interessava pelo religioso.

As angústias agostinianas—— finitude humana, natureza do pecado e da graça e o célebre problema do mal ——, de certo modo, talvez se enquadrem no que Delumeau (2009) chamou de “medo teológico”, que gera a “culpabilização pastoral do medo”, que leva o cristão às penitências, mediante a imposição de uma “pedagogia religiosa” ou “pastoral”. Segundo Delumeau (2009), o “medo teológico” é gerado pelos discursos eclesiais e é capaz de gerar angústias coletivas. As instruções religiosas, massivas, do cotidiano medieval, inculcaram, em muitos sujeitos, “temores viscerais” e ficções teológicas, segundo o historiador. Desse modo, o universo mental, assim como também, o “imaginário” medieval, nesse caso, parece ser composto por credulidades públicas, por diversas visões e crenças populares e popularizadas que geram consensos e convicções individuais e coletivas. “Para Agostinho, a educação deve levar o educando a mergulhar dentro de sua própria interioridade, a qual é o lugar onde Deus habita em nós.” (LIMA, 2023, p. 392).

Em relação ao comportamento de Agostinho, que parece refutar o sexo e a sexualidade, em busca de uma “salvação”, encontramos em Morin (1997), um esclarecimento bastante pertinente a esse comportamento. O filósofo afirma que toda



uma tendência anti-sexual se expandiu com o cristianismo, pregando a abstinência o celibato. Sendo assim, através da assexualidade haveria um merecimento da “imortalidade”. Desse modo, a anti-sexualidade cristã responderia a uma questão difusa, angustiante e latente, segundo Morin (2001), sempre presente, no complexo de Édipo e na angústia da morte. Na sua visão, a “culpabilidade” não pode ser separada do complexo de Édipo – dos dogmas originários da consciência infantil, que são determinados pelas relações com os pais. A “culpabilidade epidiana” evolui com a evolução da família.

Apesar das nossas experiências de ensino na disciplina de Filosofia, no nível Médio, e estando diante de problemáticas essenciais como essas da sexualidade e da religiosidade, é inviável apresentar ponderações com relações as percepções dos alunos, referente à sexualidade ou a religiosidade. Compreendemos as complexidades que abarcam diversos aspectos das experiências de vida desses alunos. A filosofia, assim como as nossas abordagens carecem de contribuições de outros campos de estudos, ou seja, mesmo se aplicássemos algumas entrevistas, com vários métodos, seria indispensável outras perspectivas que incorporassem abordagens psicológicas, históricas, sociológicas, dentre tantas outras.

A “continência”, citada na obra “*Vita Brevis*”, de Gaarder (2009), mostra-se, de certa forma, dominadora dos instintos e desejos, demonstrando que pode se encontrar muito próxima do conceito de “tabu”, esboçado de forma sucinta, por Gaarder *et al.* (2005), na obra “O livro das religiões”. Talvez o “tabu” seja um princípio coercitivo que contribui, junto a outros fatores, para a “continência”, uma vez que ele implica numa proibição severa, com restrições e exclusões, aos comportamentos que passam a ser considerados “perigosos” ou “impuros”.

Uma breve ideia da “pluralidade religiosa”, exposta na obra “O livro das religiões”, poderá ser compreendida e discutida, em vários momentos do texto. Um exemplo consistente é o “rito de passagem”, associado às grandes mudanças nas condições de vida humana. Assim, as fases da vida humana, com o nascimento, com o advento da vida adulta, com a maturidade e, por fim, com a morte, em diversas culturas distintas, configuram condições que caracterizam, em algumas perspectivas, “ritos de iniciações”, quer sejam de nascimentos ou de morte, “adentrando numa nova fase” – do



“além-túmulo”, em algumas culturas. O “além-túmulo” foi a expressão utilizada por Morin (1997), para designar crenças míticas nos lugares do “além”, após as multiplicidades das mortes.

Enquanto transcendência, pois, o homem seria esse movimento mesmo – esse religare – em direção ao Infinito. A palavra que pronunciaria o mundo com o outro, seguindo a direção desse transcender, buscaria sempre aquilo que, por expressar a presença do outro na palavra, permaneceria ainda impronunciado. (SILVA, 2024, p. 16).

Para Gaarder *et al.* (2005), todas as culturas possuem seus “ritos de passagens”, mesmo aquelas em que a religião não configura o expoente determinante na vida pública. Todavia, podemos encontrar outros caminhos de quadros teóricos, distintos, sobre os “ritos” e crenças na “imortalidade da alma”. Sobre as festas iniciáticas, Moran (2001) menciona diversas formas reivindicativas para “obtenções de imortalidade”, por meio de “ressurreições”, mediante ritos. Então, a “alma” e a “salvação” são elementos que, segundo o autor, surgiram no culto trácio de Dionísio.

A crença na imortalidade, muito presente na obra “*Vita brevis*”, denota as relações entre a Teologia e a Filosofia. O pensamento do filósofo Schopenhauer (1788 – 1860), de que, sem a morte não seria possível filosofar, ratifica essas relações. Além disso, a sua visão esboça um sentimento interiorizado da morte e, ao mesmo tempo, o desejo humano de se perpetuar. Esse pensamento de Schopenhauer, citado por Morin (1997), demonstra bem as inquietudes e os mistérios cognoscíveis que permeiam a vida e o seu fim.

Ariès (2012) mostrou que, na longa duração temporal, grandes oscilações arrastaram as mentalidades diante da morte. Ao estabelecer uma série de divergências temporais, ele apresenta as mudanças nos longos períodos de imobilidade estrutural. Então, nas relações entre a Teologia e a Filosofia, precisamos buscar distinções entre o que pode ser caracterizado como um problema filosófico ou o que pode ser entendido como um problema teológico, como observou Murcho (2008), ao reivindicar uma identidade própria dos problemas filosóficos, mas sem ignorar ou preterir a transdisciplinaridade.

A incredulidade de Emília Flória, num Deus que exige um grande sacrifício, que arruína a sua vida em benefício da “salvação” de Agostinho, expõe formas de reflexões de uma mulher que contesta, filosoficamente, um modelo de “Deus cristão”, colocado



em pauta na obra. Gaarder *et al.* (2005) elencam “Deus e deuses” entre os três tipos de conceitos religiosos, junto dos conceitos: “mundo” e homem”. Aqui, encontramos um quadro circunstancial do questionamento, que junto ao necessário aprofundamento investigativo dimensionam rupturas dos nossos cotidianos, para indagações minuciosas sobre os nossos próprios lugares e sobre as nossas próprias crenças. Essas experiências filosóficas principiam rupturas das “normalidades” e desembocam em questionamentos “externos” e “internos”. Nesse caso, os autores mostram que a “felicidade” compreende a um tipo de “enfoque externo”, enquanto que, o fato de sabermos se somos felizes, designa um “enfoque interno”. Em síntese, a experiência do ato de filosofar pode ocorrer a partir de experiências como essas.

O “Deus de punição” e de “ira”, de Santo Agostinho, será refutado pela descrença de Emília Flória. Ela entende que a crítica e a ojeriza agostiniana pelos deuses antigos são incoerentes, na medida em que ele acreditava num “Deus vingativo”. Além disso, para ela, a vida parecia muito breve e que, certamente, poderia não haver outra vida, além daquela, constatável e tangível. Então ela afirma: “não podemos ter certeza de que exista alguma eternidade para nossas almas frágeis. Talvez essa seja a única vida”.

Então, de certa forma, é possível perceber, nesse fragmento destacado, o que Gaarder *et al.* (2005) chamaram de “abismo entre Deus e o homem”. De tal modo, a superação desse abismo é buscada pelo mítico, nas orações e nos sacrifícios. Também, numa espécie de superação, Brugger (1987), ao explicar a “teologia dialética”, mostra que entre Deus e o mundo, medeia um abismo que não permite conhecermos Deus, partindo do mundo. Esse abismo é apenas transposto por Deus, quando se dirige aos homens, mediante “revelações”. As dificuldades de idealizar uma personalidade, divina, mostram uma imensa distância entre o sujeito mortal e a divindade. Com o “místico”, o “Deus se perde”, “desaparece” ou é “absorvido”, segundo os Gaarder *et al.* (2005), “O místico deve percorrer o caminho de purificação e iluminação até seu encontro com Deus” (p, 37).

Nas obras, “O livro das religiões”, de Gaarder *et al.* (2005), e “*Vita Brevis*”, de Gaarder (2009), reconhecemos conceitos e perspectivas complexas, que qualquer natureza investigativa teológica ou filosófica, sendo única ou indo numa única direção,



certamente, iria se mostrar insatisfatória e empobrecida. Por problemas como esse, Murcho (2008) propõe, para a Filosofia, uma natureza investigativa “aberta” e, com isso, uma agregação das abordagens – historicistas e enciclopedistas, na qual será possível extinguir os defeitos e melhor aproveitar as benesses das duas ou mais perspectivas. Sendo assim, a inexistência de resultados consensuais, substanciais, na Filosofia, caracteriza um caráter “aberto”, muito embora, essa “abertura” implica querer resultados consensuais, substanciais, mesmo sabendo das escassas possibilidades.

Brugger (1987) salienta a antiga expressão *ancilla theologiae* – donzela ou dama da Teologia, em relação à Filosofia. Nessa perspectiva, a Teologia serve-se da Filosofia para realizar suas tarefas, sem impedir que a Filosofia prossiga no cumprimento dos seus objetivos. Todavia, para Morin (2001), a “*démarche da razão*” interdita a ideia de “imortalidade”. A Filosofia exprime uma síntese dos conhecimentos racionais, rejeitando as “imortalidades” imaginárias, mas ao mesmo tempo, ela ressuscita as imortalidades em verdades humanas, profundas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nossa imaginação dinâmica, sobre um modo épico, provoca o universo, e o temperamento do homem se revela claramente nestas preferências e antipatias pelas matérias particulares. Os homens imaginam mais do que pensam.” (BACHELARD, 2021, p. 229). O ensino da disciplina de Filosofia, no Ensino Médio, oferece-nos inúmeros desafios nos quais, muitos deles exigem contínuas reflexões, contatos diretos e indiretos com as mais distintas condições de vida, de contextos, de tempos, de conjunturas e de culturas e imaginários. Os textos que destacamos nesse trabalho traduzem um pouco dessas diversidades culturais, constitutivas e proeminentes nas análises do conceito de “imaginário”, que não devem ser negligenciadas ou rechaçadas pelos componentes curriculares, pelos estudantes e pelos professores de Filosofia, do nível Médio.

Alguns fragmentos que colocamos em destaque, referentes à “pluralidade religiosa”, encontrados na obra “O livro das religiões”, de Gaarder *et al.* (2005), simbolizam possibilidades, contemporâneas, de compreensões das múltiplas diversidades religiosas. Além disso, à imaginação dos leitores, a partir desse texto,



poderá revelar outras formas de pluralidades e contatos que mostram o quão frágeis são as barreiras imaginárias, estabelecidas entre as culturais. Noutras palavras, não devemos ignorar os aspectos sincréticos, mais sutis e mais evidentes, que existem entre as culturas das religiões, das filosofias, das línguas, das literaturas, das culinárias, das músicas, das arquiteturas, das políticas, dentre outras tantos outros aspectos. Burke (2016) destacou importantes interações culturais, sincretismos, hibridismos e práticas híbridas, em religiões, em arquiteturas, na música, nas imagens, e uma série de outros fatores dignos de observações.

O imaginário religioso, medievo, presente na obra “Vita Brevis”, surge, ora permeados por temores, ora, segmentados de esperanças. Distintas e distantes, no tempo histórico, estão às referências pertinentes ao “imaginário” e aos quadros mentais, apresentadas no “Livro das religiões”, de Gaarder *et al.* (2005), e no livro “Vita brevis”, de Gaarder (2009). Percebemos, a partir da narrativa Emília, uma postura temerosa, resignada e penitencial de Agostinho. Percebe-se que predomina uma forte tradição medieva, eclesiástica, homogênea, constitutiva dos quadros mentais daquela época. Então, as delicadas interpretações dos discursos teológicos do passado, muitas vezes, suscitam uma razão que busque compreender o Agostinho do seu tempo filosófico e histórico. Evidenciando, assim, as diferenças e reciprocidades de cada época, procuramos evitar, dentro do possível, usar influências de concepções modernas para descrever elementos e fatos do passado. Tentamos, assim, esquivarmos dos anacronismos. Muito embora, ao apresentarmos algumas distinções de épocas e campos de ideais diferentes, mostramos que o passado não se encontra isolado e esquecido, mas sim, que ele é responsável por fatores determinantes no desenvolvimento do pensamento contemporâneo, como esse pensamento de aceitação do universo da pluralidade, muito presente no “Livro das religiões”,

Reconhecemos, essencialmente, a necessidade objetiva de se buscar compreender um texto, concepções filosóficas, ou mentais, nos seus devidos tempos históricos, e não fora dele. Mesmo com os ininterruptos contatos do passado com a contemporaneidade, entendemos que os contextos históricos distintos, tal como a mentalidade medieval e o “imaginário” social, devem ser analisados, levando em conta o seu período histórico. Posteriormente, sendo possível, deve-se procurar apresentar e



relacionar algumas transformações ocorridas ao longo do tempo, mostrando, se possível, continuidades, rupturas e dinâmicas dos fatos. Uma ilustração interessante sobre essa questão pode ser vista na versão em quadrinhos do *Mundo de Sofia* enquanto material didático também sobre a filosofia medieval e Agostinho (ZABUS, 2023).<sup>18</sup>

Entendemos que as diferentes épocas, conjunturas e contextos, apresentam, mediante certos comportamentos e mentalidades, características singulares, mas que são, muitas vezes, simultaneamente conflitantes, antagônicas, mas que demonstram, em vários aspectos, continuidades e vínculos constitutivos.

Então, em síntese, o livro “*Vita Brevis*” apresenta concepções e mentalidades de um passado que não deve ser interpretado com ótica contemporânea, mas sim, buscando elucidções no seu devido tempo. Por outro lado, de modo distinto, o “Livro das religiões” traz, de forma sintetizada, algumas concepções e perspectivas modernas, sobre várias religiões e suas características peculiares. Contudo, as duas obras são pertinentes para se superar o uso de um único horizonte de visão, e para se iniciar um aprofundamento de estudos nessas temáticas e em conceitos ligados as suas relações simbólicas, culturais, semânticas, sociais, com relações dinamicamente desafiadoras e profícuas para a reflexão e, também, como método para criar condições para a reflexão filosófica e sua natureza dialética como tal.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BACHELARD, G. **A terra dos devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Ermanita de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

BACHELARD, G. Conversações. **Kalagatos**, Trad. por Rocha; Silva; Fonseca; Kretsch; Petronilo; Lança; Soares, v. 18, n. 1, p. 226–246, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/7210> . Acesso em: 29 mar. 2024.

BRUGGER, W. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 4ª ed. São Paulo: EPU, 1987.

---

<sup>18</sup> Ver: [https://youtu.be/mMnIBoE0SS0?si=Im\\_dc8QFcrvp1Udf](https://youtu.be/mMnIBoE0SS0?si=Im_dc8QFcrvp1Udf)



BURKE, P. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2016.

CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. 3ª ed. Papirus: Campinas. São Paulo, 1995.

CITTADINO, M. “*Vita Brevis*”: uma visão feminina do pensamento agostiniano. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11255/6370>. Acesso em 02 de jun. 2023.

COPELSTON, F. C. *A History of Philosophy. Modern Philosophy: From the French Enlightenment to Kant*. Vol. 7, Image, 1996.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente, 1.300 – 1.800**: uma cidade situada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do Imaginário**. Trad. Helder Godinho. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAND, G.. **O Imaginário**: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

ELIADE, M. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. 3ª ed. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; HENRY, V.; NOTALER, H. **O livro das religiões**. Trad. Isa Mara Landa. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GAARDER, J. *Vita Brevis*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JUNG, C. G. **O Homem e seus símbolos**. 3ª ed. Trad. Maria Lúcia Pinho. Harper Collins, 2020.

LIMA, R. L. Sobre a Educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 79, p. 375–408, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/64886> . Acesso em: 29 mar. 2024.

MORIN, E. **O Homem e a morte**. Trad. Cleono A. Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª ed. Trad. Dulce Campos. Lisboa, Portugal. Instituto Piaget, 2001.

MURCHO, D. O. F. **A natureza da Filosofia e o seu ensino**. Educação e Filosofia. Vol. 23, nº 44, p. 79-99, 2008. Disponível em:

**IF-Sophia**Revista eletrônica de investigação  
filosófica, científica e tecnológica.

[https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5397/1/ARTIGO\\_NaturezaFilosofiaEnsino.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/5397/1/ARTIGO_NaturezaFilosofiaEnsino.pdf). Acesso em 11 de jun. 2023.

RYCROFT, C. **Dicionário crítico de psicanálise**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ROTTERDAM, E. **Elogia da Loucura**. Trad. Paulo Sérgio Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

LEAL E SILVA, R. E. (2021). RELIGIOSIDADE, MITO E CINEMA: o mito nórdico em Valhalla – a lenda de Thor (2019) e sua potencialidade educativa. **IF-Sophia: Revista eletrônica De investigações Filosófica, Científica E Tecnológica**, 7(21), 62–77. Recuperado de <https://revistas.ifpr.edu.br/index.php/ifsophia/article/view/193>

SILVA, P. A. O outro na metáfora freiriana da pronúncia do mundo. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. e24912, 2024. Disponível em: <http://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/168>. Acesso em: 29 mar. 2024.

VOVELLE, M. **Imagens e Imaginário na história: fantasmas e certezas na mentalidade desde a Idade Média até o século XX**. Trad. Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.

ZABUS, V. **O mundo de Sofia em Quadrinhos**. Uma história da Filosofia. Primeira parte: De Sócrates a Galileu. Trad. Julia Rosa Simões. São Paulo: Seguinte, 2023.